

DO DEVANEIO À SEDAÇÃO DA LUZ¹

Leonardo Torres²

RESUMO: *O objetivo deste trabalho é investigar se há um caráter de sedação na relação entre o ser humano e a luz dos aparatos mediáticos, mais especificamente, via seu caráter simbólico. Neste trabalho, toma-se como recorte de investigação: a relação entre ser humano/ luz do fogo até a ser humano/luz elétrica. Para tanto, toma-se como metodologia a revisão bibliográfica. Alguns autores já estudaram o caráter sedutor dos aparatos eletrônicos como: Gaston Bachelard (1970; 1994), Norval Baitello Júnior (2005; 2013), Malena Segura Contrera (2002) e Maurício Ribeiro da Silva (2013). A complemento, o caráter simbólico da luz do fogo e da eletricidade é aprofundado por Chevalier e Gheerbrant (2015), pela psicologia analítica de Jung (2008); por Leroi-Gouham (2007); Contrera (2002); e por Ilharco (2008).*

Palavras-chave: Tecnologia; Cibercultura; Aparatos Tecnológicos; Luz; Imaginário Cultural.

1. Sobre o Fenômeno

O fenômeno aqui estudado não pode ser somente observado. Para entendê-lo deve-se vivê-lo, presenciá-lo. Ele faz parte de fenômenos como o fogo e a eletricidade, mas não os são. Ele faz parte da imaginação humana, mas também não é somente ela. Este trabalho investiga a relação, o axioma entre a luz do fogo, da eletricidade e a imaginação humana.

Esta relação será vislumbrada em seu caráter antropológico e simbólico. Portanto, este trabalho tem como percurso uma antropologia da comunicação, aprofundada pela psicologia dos arquétipos.

Para entender o fenômeno, sua forma mais pura e comum, lembre-se dos devaneios que surgem quando a luz elétrica de casa acaba e outras luzes são acesas para iluminar o ambiente – a das velas. O tempo parece desacelerar, afinal velocidade e eletricidade combinam³. Neste momento, a conexão entre o olhar e a chama parece hipnotizadora.

Esta conexão não acontece somente quando acaba a luz elétrica, pode-se identificá-lo também ao se olhar para uma fogueira ou uma lareira enquanto ela queima e estala noite a dentro.

Bachelard (1994) caracteriza este ser humano de “homem pensativo”. É aquele que permanece perto da lareira, na solidão, quando o fogo brilha. É neste axioma que o autor discorre que a observação do fogo possui um caráter leve de hipnotismo.

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 03 – Imagem / Imaginário / Imaginação do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Paulista. Gratificado com a Bolsa CAPES.

³ Veja-se Virilio (1984; 1996) e Trivinho (2007).

A obra de Bachelard – *Psicanálise do Fogo* – se desenvolve *via* psicanálise, vislumbrando variados complexos providos do simbolismo do fogo, especificamente. Apesar do autor estar baseado na psicanálise, ele sugere (e parece o fazer propositalmente) flancos abertos para adentrarmos no fenômeno *via* psicologia analítica, de Carl Gustav Jung.

Em particular, um dos capítulos discorre sobre o devaneio humano diante do fogo. Para Bachelard (1970) o devaneio é uma manifesta atividade psíquica. Ele adentra, sem esforço, na totalidade do ser. Ainda assim, é um pensamento, difuso, leve, frouxo, hipnótico. E ainda, tal pensar escapa do *hic e do nunc* (do aqui e agora), invadindo assim, o mundo com o qual o pensador se deixa levar. (BACHELARD, 1970, p. 144).

2. Sobre o Devaneio e o Simbolismo do Fogo e sua Luz

No Dicionário Técnico da Psicologia de Nick e Cabral (2006), “devaneio” é um sonho diurno, e também pode ser entendido como fantasia. Toma-se aqui o conceito de fantasia mais adequado para “devaneio”, pois Bachelard (1994) pontua que o devaneio é radicalmente diferente do sonho. Enquanto o sonho “avança linearmente, esquecendo seu caminho à medida em que avança”, o devaneio “opera como estrela. Retoma ao seu centro para emitir novos raios”. (BACHELARD, 1994, p.22-23). Tratar-se-á desta centralidade no objeto mais adiante. Toma-se ainda como foco o devaneio.

No devaneio de uma noite, sonhando diante da vela, o sonhador devora o passado, recupera-se com o falso passado. O sonhador sonha com aquilo que poderia ter sido. Sonha, em revolta contra si mesmo, com o que deveria ser, com o que deveria ter feito. [...] nas alternâncias do devaneio, essa revolta contra si acalma-se. O sonhador entrega-se à melancolia do devaneio, uma melancolia que mistura as lembranças efetivas e as lembranças de devaneio. (BACHELARD, 1971, p. 38).

Tomar o conceito de “devaneio” como sinônimo de fantasia também abre portas para o que Jung (1973) discorre sobre o *pensamento-fantasia*. Diferente do *pensamento dirigido* cuja racionalidade, objetividade, tecnicidade e o esforço para desenvolve-las é realizada, em sua totalidade, pela consciência. O pensamento não-dirigido, ou melhor, o *pensamento-fantasia* está na fronteira entre o consciente e o inconsciente. “Pelo *pensamento-fantasia* se faz a ligação do pensamento dirigido com as “camadas” mais antigas do espírito humano, que há muito se encontram abaixo do limiar do consciente”⁴ (JUNG, 1973, p.25).

Pode-se vislumbrar estas camadas pelo princípio da *Cumulatividade da Cultura*. Este princípio aponta que conteúdos arcaicos do imaginário cultural são reinseridos e

⁴ Ivan Bystrina e Norval Baitello Junior, e mitólogos e estudiosos do imaginário também discorrem sobre esta lei. É possível encontrar um aprofundamento dela em: O mito na mídia (CONTRERA, 1996), Mídia e Pânico (CONTRERA, 2002), O Titanismo na Comunicação e na Cultura (CONTRERA, 2004) e Incomunicação e Amor (CONTRERA, 2005).

reapresentados, em diversos contextos da humanidade, independentemente do espaço ou tempo. “A cultura dispõe, como o patrimônio genético, de uma linguagem própria (mas muito mais diversificada), permitindo rememoração, comunicação, transmissão desse capital de indivíduo a indivíduo e de geração em geração” (MORIN, 2012b, p.165).

A “linguagem própria” que Morin (2012b) discorre são, de acordo com Contrera (2006), elementos arcaicos da memória cultural presentes desde os povos primievos. Esta memória é estruturada por camadas tendo em seu núcleo, tal elemento arquetípico. Este núcleo que é acessado (mas nunca tocado) quando o *pensamento-fantasia* se desenvolve. E, a cada camada, tais elementos são reeditados. Independentemente da quantidade destas camadas, elas sempre terão, em potência, a ligação com seu núcleo.

Retomando ao devaneio, pode-se considera-lo somente um tipo (um meio) de *pensamento-fantasia*, pois o sonho, os complexos também o são. Este trabalho delimita-se no devaneio diante do fogo e sua luz.

Neste ritmo, surgem dúvidas: especificamente em que contexto o devaneio toma o indivíduo e acessa o núcleo arquetípico? O que pode ser apreendido na relação entre o fogo e sua luz e tal indivíduo?

O simbolismo do fogo é diverso e sua utilização nas mais variadas culturas também, afinal o fogo também é diverso em sua intensidade. Por exemplo:

a maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. Agni, Indra, Surya são os fogos dos mundos: terrestre, intermediário e celeste, isto é, o fogo comum, o raio e o Sol. Além disso, existem outros dois fogos; o da penetração ou absorção (Vaishvanara), e o da destruição (outro aspecto de Agni). (GHEEBRANT & CHEVALIER, 2015, p.440).

Semelhante a Mitologia Hindu, em que o fogo está relacionado aos mais variados mundos, no Cristianismo também pode-se identificar o fogo na luz divina, e na brasa do inferno; na Mitologia Grega, o deus ferreiro Hefesto cria em suas fornalhas telúricas o raio de Zeus (celeste) bem como no mito de Prometeu; E também, na religião Umbandista, cuja vela simboliza o abrir caminhos dos orixás.

E ainda, nas práticas culturais, o fogo está presente em rituais pagãos; nas festas cristãs da Idade Média; na queima dos hereges na Inquisição; na cremação como purificação nas culturas Célticas; na utilização Budista da vela na hora da meditação; entre outros. Há uma infinidade de exemplos.

Das guerras à purificação, da destruição à criação, da vida à morte, os exemplos apontam para uma diversa intensidade do fogo e como ele é atizado. É deste simbolismo

múltiplo e desta variada utilização que o ser humano é tomado pelo devaneio ao ficar diante do fogo, mesmo que reduzido a única uma vela:

o devaneio junto à lareira tem aspectos mais filosóficos. O fogo, para o homem que o contempla, é um exemplo de pronto devir e um exemplo de devir circunstanciado. [...]. O fogo sugere o desejo de mudar, a seu além. Então, o devaneio é realmente arrebatador e dramático, amplifica o destino humano; une o pequeno ao grande, a lareira ao vulcão, a vida de uma lenha à vida de um mundo. O ser fascinado ouve o apelo da fogueira. Para ele, a destruição é mais do que uma mudança, é uma renovação. Esse devaneio muito especial, no entanto bastante geral, determina o verdadeiro complexo em que se unem o amor e o respeito ao fogo, o instinto de viver e o instinto de morrer. (BACHELARD, 1994, p.25).

Para haver a contemplação e o fascínio deste fogo, Bachelard (1994) aponta que o fogo e sua luz devem ser, necessariamente, reduzidos, acalmados e dominados:

É um fenômeno monótono e brilhante, verdadeiramente total: ele fala e voa, ele canta. [...] [Um] convite ao repouso. Dificilmente se concebe uma filosofia do repouso sem um devaneio diante das achas que ardem. Assim, acreditamos que não se entregar ao devaneio diante do fogo é perder o uso verdadeiramente humano e primeiro do fogo. (BACHELARD, 1994, p.22-23).

Este contexto é diferente dos ferreiros que utilizam de seus corpos e do fogo para manipular os metais. Para a contemplação, Bachelard (1994) discorre que é necessário sentar-se, repousar-se diante da chama e sua luz. A palavra “sentar”: provém de *sedere*, que, da mesma maneira, deriva a palavra “sedação”:

A palavra *sedar* significa *acalmar*. Vem da mesma raiz latina do verbo *sentar*, vem de *sedere*, que por sua vez também de uma raiz antiga, indo-europeu, *sed*. No indo-europeu, a raiz *sed* se juntava com o sufixo *la* ou com o sufixo *ra*. O *Sedla* será transformado futuramente em palavras como, em espanhol, *silla* (cadeira) ou, em português, *sela*. E o *sedra* dá, em grego, *cátedra*, e, em português, cadeira. Portanto, da mesma raiz etimológica profunda vêm quase todas as palavras associadas ao ato de sentar e os objetos usados para isso. (BAITELLO JR, 2014, p.49-50).

Portanto, parece que a contemplação da luz e do fogo possui uma relação direta com a sedação (do sentar-se). Ao mesmo tempo que o indivíduo se senta para contemplar, a contemplação da luz o seda e o prepara para o devaneio. Este sentar-se e sedar-se permite que o devaneio flua do *pensamento-fantasia*, há aí um equilíbrio do organismo/espírito humano. Há uma ligação (um portal) entre o consciente e o inconsciente. Eis o pontapé para um “imaginar” – imagen(ação).

3. A Sedação Totalizante

A relação indivíduo e aparatos eletrônicos (computadores, *smartphones*, *tablets* e televisão) parece possuir semelhante ornamento sujeito/objeto e sua luz que já foi visto nos tópicos precedentes.

Ressalva-se: pode-se considerar que independente do tamanho do tamanho do aparato, a relação tanto de um *smartphone*/ser humano e um *tablet*/ser humano é, de certa forma, a mesma. Por isso, o termo “aparato”, neste trabalho, é qualquer dispositivo eletrônico de interação e capaz de emanar luz elétrica.

Apesar do fenômeno aqui apreendido ser a luz, e um lançar os olhos para o passado já seria possível identificar o fio condutor que liga o fogo à eletricidade. Muitos autores, como o próprio Bachelard (1994), Norval Baitello Jr. (2005; 2010; 2012), Contrera (1998; 2002; 2010), Davis (1998), que indicam que a eletricidade é o fogo da contemporaneidade.

Se a eletricidade é percebida como fogo controlado, domado, isso pode possibilitar que a contemplação e o fascínio pela luz (elétrica) esteja presente na civilização atual. Isto se dá pela *cumulatividade da cultura*, que permite, em potência, que a luz (elétrica) seja percebida como portadora do simbolismo da luz do fogo. Especificamente uma de suas características vale ressaltar: segundo Bachelard (1994), o fogo que ilumina e brilha sem queimar (pode-se aqui aproximar da eletricidade) possui valor de pureza total – valores divinos –.

Este pensamento corrobora com Miklos (2012), quando discorre sobre a tecnologia como religião, o autor aponta para uma percepção da civilização contemporânea que entende as tecnologias de comunicação portadoras de poderes metafísicos.

Os textos da cultura se reciclam e se transformam na medida em que são apropriados pelos formatos midiáticos. No caso específico, os atributos divinos aqui considerados (onipotência, onipresença e onisciência) são apropriados e transformados em atributos da mídia. A mídia e seus formatos tornam-se os novos deuses da humanidade. (MIKLOS, 2012, p.86-87).

E ainda, Eugênio Trivinho complementa:

Desde os apontamentos de Heidegger acerca da técnica como metafísica realizada no século XX, constata-se, na fase atual da sociedade tecnológica, em função da dependência da máquina, uma intensificação da característica da tecnologia como religião. O processo de reversão apontado por Feuerbach, pressuposto em todo impulso de transformação de algo em religião, também se aprofundou. Em relação ao presente, ele pode ser resumido em três momentos, a grandes traços: A partir do hipostasiamento materializador das habilidades técnicas humanas em forma de objetos tecnológicos num momento inicial, projetam-se, na sequência, os atributos e as aspirações propriamente humanos para o ente criado, ao ponto, num terceiro momento – obliterada a

razão crítica capaz de abranger todo o processo-, haver o culto sub-reptício da máquina e a consequente subordinação do ente humano a ela. Esse processo de reversão é notável tanto em relação aos sistemas automatizados de produção, quanto aos eletrodomésticos, automóveis e, principalmente, computadores, que, tomados como “segundo eu” em algumas áreas, condiciona a formação de um público cativo que não o larga nem mesmo nas horas das refeições. Vê-se, não só a ciência e a técnica são uma nova religião, a máquina também a enseja. O objeto tecnológico, de extensão do ente humano, passou a ser vetor de processos, ocupando por isso o centro da cena, enquanto o ente humano, em mais uma de suas frustrações antropológicas, acabou por figurar na história como um de seus anexos. Se o processo ocidental de racionalização, operado pelo desenvolvimento das técnicas no capitalismo, havia promovido o desencantamento iluminista do mundo, os objetos tecnológicos, e mais ainda os informáticos em tamanho míni, reencantam-no. Novos fetiches, vigoram como coisas dignas de consideração mítica cotidiana e articulam uma devoção em geral verbalmente silenciosa, mas emocionalmente intensa. Diante delas, a consciência comum acostumou-se a se deslumbrar e sorrir. Recebe-as pelo crivo do imaginário, da obsessão pelo uso imediato e do desejo de conforto e distinção social. (TRIVINHO, 2001, p. 83-84).

Entretanto, há uma diferença ornamental entre o contexto “indivíduo/luz do fogo” e “indivíduo/luz da eletricidade”. Por meio do devaneio diante do fogo, o indivíduo deixa fluir, em seu ritmo e harmonia, a imaginação. Já no contexto da luz elétrica, quem dita o ritmo das imagens em ação é o aparato. E ainda, tais imagens são produzidas tecnicamente.

Norval Baitello Júnior e Maurício Ribeiro da Silva (2013) ainda sugerem a existência desta relação indivíduo/aparato desenvolve um vínculo hipnógeno:

Resumidamente compreendemos, então, que a produção cultural do capitalismo atua a partir do esvaziamento simbólico da Noosfera (Mediosfera), estabelecendo uma relação de dependência entre o funcionário e o aparelho (em duas versões: a primeira, tangível, caracterizada pelo *hardware* e a segunda, intangível, sob a responsabilidade do *software*), sendo a natureza de tal vínculo estabelecida a partir de relações lúdicas. (BAITELLO Jr.; SILVA, 2013).

E ainda, Contrera (2002) vislumbra a relação entre aparato/ser humano quando discorre sobre o anestesiamento do corpo. A autora discorre que a mídia eletrônica, em prol de imperativos econômicos, tem um papel importante na sedação da “*aesthesis*”, ou seja, da percepção humana – reduzindo sentidos como tato, olfato e paladar bem como saturando a visão e a audição. Estas duas últimas são ideais devido ao estabelecimento veloz da comunicação contemporânea.

Neste ritmo, a investigação da relação entre ser humano/aparatos proposta por este resumo visa corroborar com tais estudos mencionados acima. Além do sentar-se, do vínculo indivíduo/aparato e do desequilíbrio da *aisthesis*, há um outro objeto a ser estudado.

Baitello Júnior (2005) aponta que as imagens (principalmente as mediáticas) possuem um caráter sedativo. Apesar do autor demonstrar a saturação das imagens e sua multiplicidade

no cotidiano, existe uma única imagem que está presente todos os aparatos eletrônicos: a luz. A luz que emana dos aparatos, por ser imagem, está em relação com um imaginário cultural na *psique*⁵ humana.

No ano de 2016, no *World Congress of Anesthesiologists*, realizado em Hong Kong, foi apresentado um estudo em que identificou o iPad como um substituto da droga *midazolam*, normalmente aplicada em crianças em momento pré-operatório. Segundo o estudo, aparatos eletrônicos capazes de reproduzir jogos diminuem a ansiedade pré-operatória, principalmente no momento em que elas tem que ficar separadas dos pais. A pesquisa foi conduzida:

Comparando o efeito da droga midazolam administrados em 54 crianças, oral e retalmente, com 58 outras da mesma idade que brincaram com jogos nos iPads por 20 minutos, a pesquisa concluiu que ambos, a droga e o tablete, igualmente diminuiram com a ansiedade⁶.

Tal pesquisa foi noticiada pelos meios de comunicação eletrônicos de forma positiva, entretanto, o resultado da pesquisa pode revelar um âmbito menos positivo do que somente a não necessidade da injeção de drogas pré-operatórias.

Apesar dos jogos ministrados ter influência na redução da ansiedade de tais crianças, toma-se aqui outro viés de investigação, o da luz como auxiliadora na sedação. Este recorte admite, portanto, que além do conteúdo lúdico e da imagem produzida pelo aparato, a própria luz que emana do aparato já é uma imagem, neste caso, todos estes possuem um poder sedativo.

E ainda, deve-se levar em conta que os aparatos eletrônicos não são especificamente utilizados somente pela medicina. Eles são especificamente aparatos usados no cotidiano, na vida social.

Sodré (2013) aponta que tal é a configuração social contemporânea que é possível identificar a comunicação eletrônica como um centro regulador da sociedade. Tal comunicação, de massa ou interativa, é mediada por aparatos tecnológicos que produzem uma nova forma de viver (*bios*) e conviver em uma sociedade. Esta forma de viver, prescreve, esteticamente, um *ethos* midiaticizado – ambíguo moralmente e laçao do capital.

E ainda, Millwardbrown (2014) afirma que um típico usuário global utiliza seus aparatos eletrônicos por 6,95 horas diárias, sendo 5 horas seguidas. Os *smartphones* são os mais usados, cerca de 2,1 horas por dia. O Brasil está acima da média mundial, permanecendo 7,9 horas diárias em todos aparatos eletrônicos e 2,2 horas nos *smartphones*. E também o estudo identifica que os entrevistados consomem múltiplos dispositivos eletrônicos ao mesmo

⁵ Veja-se Jung (2008).

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2azZ6JZ>> Acesso em: 20 dez. 2016.

tempo, o que abre uma variedade de oportunidades de *media* para a divulgação de propagandas.

O tempo gasto de uso dos aparatos, sua centralidade na vida cotidiana e a sedação encontrada neles tendem a reforçar o que Bachelard aponta como devaneio. Na contemporaneidade, o aparato, portanto, seria a estrela, que Bachelard (1994) menciona, cuja luz emana infinitamente do centro.

Surge aí uma dúvida: sabe-se que na relação ente indivíduo/aparato, a imagem é produzida pelo próprio aparato, então, como o devaneio se realiza, visto que ele é um dos meios em que o *pensamento-fantasia* flui, ou seja, em que o imaginar se desenvolve? Para responder a tal questão é necessário entender sobre a imagem e sua relação com o ser humano.

4. A Crise do *Pensamento-Fantasia* (do imaginar)

Contrera (2016) demonstra que existe certa diferença entre as imagens elaboradas pelo *pensamento-fantasia* e as imagens produzidas por aparatos eletrônicos. Vindo de uma reflexão a partir de Hans Belting, Vilém Flusser e Dietmar Kamper, a autora entende que as imagens produzidas tecnicamente colocam o imaginar em segundo plano, colocando então, seu caráter técnico, ilustrativo e representativo em primeiro plano.

Isso ocorre devido ao fenômeno diagnosticado por Max Weber, e muito bem pontuado por Pierucci (2003): o *Desencantamento do Mundo*. Um fenômeno que, segundo os autores, ainda está em processo e que é marcado pela exacerbada racionalização do mundo pela perda de sentido da vida, inibindo, apagando o caráter irracional humano. Como vimos, é neste caráter irracional humano que o *pensamento-fantasia* se desenvolve, bem como o próprio devaneio surge.

A menos que seja um físico, quem anda num bonde não tem ideia de como o carro se movimenta. E não precisa saber. Basta-lhe poder ‘contar’ com o comportamento do bonde e orientar a sua conduta de acordo com essa expectativa; mas nada sabe sobre o que é necessário para produzir o bonde ou movimentá-lo. O selvagem tem um conhecimento incomparavelmente maior sobre suas ferramentas. Quando gastamos dinheiro hoje tenho certeza que, até mesmo se houver colegas de Economia Política neste auditório, cada um deles terá uma diferente resposta pronta para a pergunta: como é possível comprar alguma coisa com dinheiro – por vezes mais, por vezes menos? O selvagem sabe o que faz para conseguir sua alimentação diária e que instituições lhe servem nessa empresa. A crescente intelectualização e racionalização não indicam, portanto, um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa mais alguma coisa, ou seja, o conhecimento ou a crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas, incalculáveis, mas que podemos, em princípio,

dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos, como fazia o selvagem, para quem esses poderes misteriosos existiam. Os meios técnicos e os cálculos realizam o serviço. Isto, acima de tudo, é o que significa a intelectualização. (WEBER, 1982, p.165).

Ademais, o processo de

Intelectualização e racionalização crescentes, portanto, não significam um crescente conhecimento geral das condições de vida sob as quais alguém se encontra. Significam, ao contrário, uma outra coisa: o saber ou a crença de que basta alguém querer para poder provar, a qualquer hora, que em princípio não há forças misteriosas e incalculáveis interferindo; que, em vez disso, uma pessoa pode – em princípio – dominar pelo cálculo todas as coisas. Isto significa: o desencantamento do mundo. Ninguém mais precisa lançar mão de meios mágicos para coagir os espíritos ou suplicar-lhes, feito o selvagem, para quem tais forças existiam. Isto, antes de mais nada, significa a intelectualização propriamente dita. (WEBER, 1957, p. 139).

Nos estudos de Dietmar Kamper e nas reflexões de Maurício Ribeiro da Silva (2012), os autores discorrem que a humanidade contemporânea está orbitando o imaginário (mediático) – um complexo de imagens produzidas tecnicamente –. E que este orbitar, de certo modo, é nunca mergulhar na imagem.

Imaginemos um lago em um dia ensolarado. O reflexo da paisagem no lago, que preserva os detalhes icônicos das árvores, das nuvens, do céu e até de nós mesmos, é seu caráter exterior, o que Contrera (2016) aponta, a partir dos estudos de Hans Belting, como o caráter exógeno da imagem. Este caráter exógeno/exterior é possível ser visto de longe, e também em órbita. Ele é leve e facilmente transportado. Por isso, muito utilizado pela *media*. Porém, para o imaginar fluir, para o *pensamento-fantasia* se efetivar, é necessário mergulhar neste lago e aí sim sentir a imagem – este é o caráter simbólico e irracional da imagem, o que Contrera (2016) menciona como o caráter endógeno da imagem.

No caso da relação primeira aqui estudada – do indivíduo diante do fogo – a imagem elaborada surge do *pensamento-fantasia*. Diante desta imagem da luz do fogo, simboliza-se/imagina-se. Porém na contemporaneidade a própria luminescência produz imagens ao seu admirador, tirando/reduzindo-lhe a capacidade de simbolizar/imaginar. Criando um ornamento peculiar do devaneio. Desta forma, acrescentando ainda o supracitado apagamento (mas não um aniquilamento) do *pensamento-fantasia*, como o devaneio se apresenta na relação entre os aparatos eletrônicos e os indivíduos?

5. Sobre a Sedação pelo Devaneio

As condições *sine qua non* que levam um indivíduo ao devaneio, ou seja, colocar o indivíduo sedado e sentado diante de um computador, *smartphone*, *tablet* ou televisão, são muito propícias para o sistema tecnológico de produção de imagens na contemporaneidade, principalmente, da publicidade e da propaganda eletrônica, que possuem como intenção máxima a comercialização de produtos e sonhos.

Para tanto, deve-se utilizar, como Morin (1997) discorre em “Cultura de Massas do Séc. XX”, fórmulas específicas de produção, em que o *pensamento-fantasia* ou a imaginação não fluam livremente, visto que eles podem (e vão) se rebelar diante do assentamento imposto pelo sistema.

Por ser parte da psique humana, não se pode aniquilar o *pensamento-fantasia*, entretanto, pode-se deixá-lo rebaixado, apagado, pois, assim, o indivíduo diante da imagem da luz elétrica é tomado pela sedação e por um assentamento que o leva ao devaneio, mesmo que seja mínimo.

Este devaneio mínimo é quase-estático, já que as imagens produzidas tecnicamente fazem o papel do *pensamento-fantasia*, o qual se desenrola de maneira quase-estéril na psique humana. Sem imaginação e somente com sedação, é possível comparar o aparato com a droga *midazolam* bem como colocá-lo na órbita do imaginário, para não simbolizar/imaginar, mas continuar observando as imagens e sendo devorado por elas.

Sendo assim, diferentemente do devaneio que Gaston Bachelard discorre, o atual devaneio dos aparatos eletrônicos é caracterizado por uma sedação que deixa de ser somente momentânea, e passa a ser cotidiana, passa a consumir cerca de um quarto do dia de um indivíduo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **La flamme d'une chandelle**. 4. ed. Paris: P.U.F., 1970.

_____. **La poétique de la rêverie**. 5. ed. Paris: P.U.F., 1971.

BAITELLO JR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Norval. **A Era Da Iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hakers Editores, 2005.

_____. Norval. **Pensamento Sentado**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

CASTELÃO-LAWLESS, T. A presença da psicologia analítica de Carl Gustav Jung na epistemologia de Gaston Bachelard. **Revista Reflexão**, Campinas, p. 11-18, jul./dez., 2005.

CONTRERA, Malena. Segura. **Mídia e Pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

_____. **A Imagem Simbólica na Contemporaneidade**. II Congresso do CRI2i – A Teoria Geral do Imaginário – 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas. Porto Alegre, 2015.

_____. **Mediosfera**: meios, imaginários e desencantamento do mundo. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **O Mito na Mídia**. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. Imagens endógenas e imaginação simbólica. **Revista Famecos** (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2016.

DAVIS, Erik. **Techgnosis**: myth, magic and mysticism in the age of information. 2ª ed. New York: Harmony Books, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Ferreiros e Alquimistas**. Madrid: Aliança Editorial, 1983.

_____. **Historia de Las Creencias y de Las Ideas Religiosas**: de la prehistoria a los misterios de eleusis. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978.

_____. **Mito e Realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Tratado de História das Religiões**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

iPadPesquisa. Disponível em: <<http://bit.ly/2azZ6JZ>> Acesso em: 20 dez. 2016.

ILHARCO, F. A Catarse do Fogo. **Revista Comunicação & Cultura**. n. 5, p.139-153, 2008.

JUNG, Carl. Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Psicologia e Religião**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KAMPER, D. **Corpo**. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv1_futurovis.pdf>. Acesso em: 10 de set de 2015.

_____. **O Trabalho Como Vida**. Ana Blume: São Paulo, 1998.

_____. Os padecimentos dos olhos. in: Castro, G. et alii **Ensaio de complexidade**. Sulina: Porto Alegre, 1997.

LEROI-GOURHAN, André. **As Religiões da Pré-História**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MORIN, E. **Cultura de Massas No Século XX**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

_____. O método IV – **As Ideias**: habitat, vida costumes, organização. Trad. Juremir Machado da Silva. 5ªed. Porto Alegre: Sulina. 2011.

MIKLOS, Jorge. **A Tecnologia como Religião**: imaginário tecnológico e o religioso na cibercultura – o culto à Apple. II Congresso do CRI2i – A Teoria Geral do Imaginário – 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas. Porto Alegre, 2015.

_____. **Ciber-religião**. O Sacrifício do Corpo na Cibercultura. CISC 20 Anos: Comunicação, Cultura e Mídia, 2013.

_____. **Ciber-religião**: A construção de vínculos religiosos na cibercultura. 1ª. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

PIERUCCI, Flávio. **Desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito de Max Weber**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

_____. Mídia, Ideologia e Financeirização. In: **Oficina do Historiador**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: < <http://goo.gl/DESnUr>>. Acesso em: 5 nov. de 2015.

SILVA, M. R.; BAITELLO, N.; **Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana**. Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, M. R. **Na Órbita do Imaginário**: Comunicação, Imagem e os Espaços da Vida. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.

SIQUEIRA, M. et al. **Effect of iPad Tablet on Children and Parental Anxiety During Anesthesia**. Hong Kong: Convention and Exhibition Center, 2016.

TRIVINHO, E. **O Mal-estar da Teoria**: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. **A Dromocracia Cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

WEBER, M. from **Max Weber: Essays in Sociology**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1957.

_____. **Economia y Sociedad**: esbozo de sociología comprensiva. México: FCE, 1964.

_____. **História Geral da Economia**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

VIRILIO, Paul. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

ABCiber, 2009.